

## VIOÊNCIA E MAUS-TRATOS NA INFÂNCIA: O OLHAR DAS CRIANÇAS<sup>1</sup>

VIOLENCIA Y MALOS TRATOS EN LA INFANCIA:  
LA MIRADA DE LOS NIÑOS

VIOLENCE AND NEGLECT IN CHILDHOOD:  
THE CHILD'S POINT OF VIEW

Luciana Spinato De Biasi<sup>2</sup>  
Cláudia Maria de Mattos Penna<sup>3</sup>

### RESUMO

Estudo qualitativo com objetivo de compreender a violência doméstica na percepção das crianças que a sofreram. Entrevistaram-se crianças vítimas de abandono e maus-tratos realizando-se leituras sistematizadas dos relatos para determinar as unidades de significado. Revelou-se que a vida dessas crianças é cercada por tristeza e lembranças ruins, mas também por esperança, sonhos e alegria de viver, fundamentada nos "pequenos nada" da vida diária. Nem sempre a retirada das crianças do ambiente familiar é o melhor caminho. As famílias devem ser cuidadas, como uma das formas de evitar o aumento da violência intra e extra-familiar, melhorando a qualidade de vida das crianças.

**Palavras Chave:** Violência Doméstica; Maus-Tratos Infantis; Criança

### ABSTRACT

This is a qualitative study that aims to understand domestic violence from the point of view of the children who are the victims. Children who were the victims of violence and neglect were interviewed and their reports were analyzed to find units of meaning. We found that the life of these children is surrounded by sadness and bad memories, but also by hope, dreams and the joy of living, based on the "small nothings" of everyday life. Not always is the removal of the children from the family environment the best course. Families should be careful as one of the ways to avoid violence inside and outside the family, improving the quality of life of the children.

**Key Words:** Domestic Violence; Child Abuse; Child.

### RESUMEN

Estudio cualitativo con el objetivo de comprender la violencia doméstica en la percepción de los niños que la vivieron. Se entrevistaron niños víctimas de abandono y malos tratos y después se realizaron lecturas sistematizadas de los relatos para determinar unidades de significado. Se reveló que la vida de estos niños está rodeada de tristeza y malos recuerdos, pero que también hay esperanza, sueños y alegría de vivir, fundamentada en las "pequeños nada" de la vida cotidiana. No siempre retirar a los niños del ambiente familiar es el mejor camino. Hay que cuidar a la familia como una de las formas de evitar el aumento de violencia dentro y fuera del ambiente doméstico, mejorando la calidad de vida de los niños.

**Palabras clave:** Violencia doméstica; Malos tratos a los niños, niño

<sup>1</sup> Compilado da Dissertação: De Biasi LS. Violência e maus-tratos na infância: o olhar das crianças.[Dissertação].Concórdia (SC):Programa de Mestrado em Ciências da Saúde Humana/UnC;2003.

<sup>2</sup> Enfermeira, Mestre em Ciências da Saúde Humana. Docente da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões URI - Campus de Erechim. E-mail: [lucianadb@uri.com.br](mailto:lucianadb@uri.com.br)

<sup>3</sup> Enfermeira, Doutora em Enfermagem; Professora Adjunta I – Escola de Enfermagem - UFMG. Endereço para correspondência: Av. Prof. Alfredo Balena, 190 - Santa Efigênia CEP: 30130-100 - Belo Horizonte – MG. Tel: (31)32489869. E-mail: [cmpenna@enf.ufmg.br](mailto:cmpenna@enf.ufmg.br).

## O PERCURSO ATÉ AS CRIANÇAS VÍTIMAS DE VIOLÊNCIA...

Acreditamos que o ambiente em que se insere a criança, o contexto familiar, social e cultural, exerça grande influência sobre o seu desenvolvimento e, conseqüentemente, sobre suas atitudes atuais e futuras. A família desempenha um papel importante no desenvolvimento das possibilidades gerais da criança, já que está envolvida no processo de "vir-a-ser" do bebê. A ajuda dos pais, avós e do ambiente social imediato também é de fundamental importância para esse processo.<sup>(1)</sup>

É certo que a criança observa tudo o que acontece ao seu redor. Se, de um lado, vive num modelo de boas relações familiares, num ambiente saudável onde o respeito, amor, carinho e atenção são os norteadores do comportamento, poderá crescer segundo esses valores e, possivelmente, será mais difícil agredir seu filho na idade adulta; por outro lado, se desrespeito e agressões forem padrões de comportamento a influenciar seu desenvolvimento moral e emocional, a tendência é seguir tal modelo em suas relações familiares e sociais. Deste modo, como esperar de filhos de pais violentos, atitudes não agressivas, se estas não fazem parte de seu dia-a-dia?

Nenhuma pessoa em condições de saúde mental, aceita pela sociedade como "normal", mantém atitudes agressivas e violentas pelo simples prazer de praticá-las. É uma questão de causa e efeito, ou seja, a violência é uma resposta a outra violência exercida anteriormente. Atos violentos desencadeiam reações violentas, é um fenômeno cíclico, que não se esgota. Se, de um lado, existem os contraventores, que praticam atos de violência contra uma sociedade, de outro, esta mesma sociedade impede que tais transgressores consigam recuperar-se, fazendo com que, mesmo após terem sido penalizados por crimes cometidos, voltem a praticar atos violentos para garantir a sua sobrevivência.<sup>(2)</sup>

Vale ressaltar que a violência doméstica não acontece exclusivamente nas classes menos favorecidas, atingindo famílias de todas as camadas sociais, independentemente de situação socio-econômica, raça, religião ou nível intelectual. Contudo é nas menos favorecidas que ela se torna mais evidente. "As pessoas que recorrem à agressão física para resolver seus conflitos interpessoais geralmente têm baixa habilidade verbal (dá a maior incidência de agressão física na classe social baixa). Uma vez aprendendo a resolver verbalmente este tipo de conflito, o comportamento de agressão física decresce"<sup>(3:205)</sup>.

Sabe-se também que muitos dos agressores que praticam atos violentos contra a família, em especial contra a criança, presenciaram ou até foram vítimas de violência e maus-tratos durante a infância ou adolescência, portanto foram estas as maneiras aprendidas para a resolução dos problemas.

Mesmo sendo a violência contra a criança uma prática bastante antiga, ainda são poucos os trabalhos desenvolvidos com os agressores, como, por exemplo, a prática de atendimentos psicológicos, a fim de que haja uma mudança de comportamento, que refletiria em prol do menor. O que acontece, normalmente, quando ocorrem denúncias de maus-tratos, é o afastamento temporário ou perma-

nente da criança, que fica em uma casa-abrigo. Quando não é colocada para adoção, retorna ao convívio familiar. Lá, volta a ser maltratada, pois o fator desencadeante dos maus-tratos continua na família e, o que é pior, permanece sem perceber o mal que está causando para todos que ali convivem, principalmente para os filhos.

Diante desse contexto, como profissionais da saúde e da educação, pensamos que é importante, além do conhecimento das etapas do desenvolvimento infantil, entender os sentimentos e as atitudes de crianças vítimas de maus-tratos. Acreditamos que, ao dar voz a essas crianças, além de cuidarmos e interagirmos melhor com elas, nós podemos aprender como contribuir para que elas cresçam mais saudáveis. Para tanto, a intenção desse estudo foi saber: **Qual a percepção das crianças vítimas de violência, em relação aos maus-tratos praticados pelos pais?** Como objetivo: **compreender o significado da violência doméstica na percepção das crianças que a sofreram.**

A violência contra a criança é um problema que sempre existiu e o que se tem feito para diminuí-la ou resolvê-la parece pouco. Este estudo pôde ajudar na busca da compreensão dos sentimentos e atitudes das crianças vítimas de maus-tratos, para que esses possam vir a ser trabalhados de forma interdisciplinar, na intenção de que seja quebrado esse ciclo vicioso, e que as crianças que sofrem as agressões hoje, não persistam no mesmo erro, e não sejam os agressores do amanhã. Para tanto, "...é de importância crucial para a própria sobrevivência da espécie humana que se compreendam os mecanismos pelos quais a agressão é adquirida e mantida, para que se possa controlá-la"<sup>(3:181)</sup>.

Somente com o aumento de pesquisas nessa área, poderemos obter as informações e o conhecimento necessário para atacar a violência em sua origem, para, a partir daí, pensar em diminuí-la, e sonhar com o dia em que todas as crianças possam gozar de uma infância realmente feliz.

## COMPREENDENDO O FENÔMENO DA VIOLÊNCIA...

Compreendemos a articulação da violência como histórica e não pertinente apenas à questão brasileira, mas como fruto de intolerância racial, intelectual, social ou de credo. É certo que ela é conhecida entre os homens desde a sua criação, porém a agressividade entre as pessoas tem aumentado e representa hoje um problema bastante grave e de extrema importância para a humanidade. A violência sempre teve lugar na sociedade brasileira, seja nas intuições, seja nas relações entre homem e mulher, adulto e criança, entre patrão e empregado ou qualquer outra forma, atingindo sempre em maior escala, os mais frágeis, ou seja, aqueles que detêm menos poder.<sup>(4)</sup>

Dentro desse quadro, podemos afirmar que a violência doméstica é aquele tipo de violência que ocorre em casa, entre quatro paredes, onde o marido agride a esposa; os pais agridem os filhos; os filhos agridem os avós e assim, sucessivamente, o mais forte prevalece em relação ao mais fraco e o respeito mútuo parece não fazer parte daquele cotidiano. Dessa forma, muitas vezes, o maior

perigo para as crianças encontra-se dentro de casa."(...) a violência doméstica contra crianças e adolescentes representa todo ato ou omissão praticado por pais, parentes ou responsáveis contra crianças e/ou adolescentes que - sendo capaz de causar dano físico, sexual e/ou psicológico à vítima - implica, de um lado, uma transgressão do poder/dever de proteção do adulto e, de outro, uma coisificação da infância, isto é, uma negação do direito que crianças e adolescentes têm de ser tratados como sujeitos e pessoas em condição peculiar de desenvolvimento".<sup>(5:32-33)</sup>

Outro problema enfrentado por essas crianças é, que na busca pela "boa educação", pais ou responsáveis, utilizam exageradamente um "poder" sobre a criança, não importando a gravidade ou a extensão de sua repressão, o que pode levá-la à revolta, à delinquência ou fazê-la submissa e retraída.<sup>(6)</sup>

É importante ressaltar que o nível intelectual dos pais, normalmente, tem influência no tipo de penalidade sofrida pelo menor em decorrência de uma transgressão. Essa penalidade vai desde um diálogo proveitoso até mesmo ao espancamento, que algumas vezes chega a ser fatal.

A violência tem sua origem, não surge do nada. A mídia, no intuito de atrair a atenção do público, dedica enorme atenção à violência.<sup>(7)</sup> Desse modo, entendemos que ela estimula a violência, ou, no mínimo, torna-a corriqueira, sem a importância devida em nosso cotidiano.

Para que a violência contra a criança comece a diminuir, é preciso que a criança seja vista, respeitada e tratada como um ser humano, sujeito de sua história de vida, sendo-lhe dada a capacidade de pensar, agir e reagir ante as adversidades do meio em que vive. Somente a partir desse momento será verdadeiramente respeitada.

Para garantir os direitos da criança e do adolescente, foi criada em 13 de julho de 1990 a Lei Federal 8.069 que dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA).<sup>(8)</sup> Não basta, porém, que crianças e adolescentes tenham seus direitos assegurados em leis, é preciso que essas leis sejam efetivadas na prática.

Faz-se necessário frisar que a comunidade em que se insere a criança tem a responsabilidade de lhe garantir que seus direitos sejam respeitados. Dessa forma, é de suma importância o esclarecimento da população em geral sobre o conteúdo deste Estatuto, pois somente reconhecendo os direitos das crianças, poder-se-á perceber, com maior clareza, quando estes foram desrespeitados, promover denúncias, a fim de diminuir os índices de um quadro de dor e vergonha para uma vida em sociedade.

Ao falarmos de violência doméstica, não podemos culpabilizar apenas as famílias, pois a omissão do poder público em relação à garantia de uma boa qualidade de vida para as populações menos favorecidas contribui muito para que a violência ocorra. No caso de adultos, crianças e jovens submetidos a toda sorte de privações, como cobrar-lhes atitudes moralmente corretas, se esses modelos de comportamento não foram estabelecidos?

## **O EMBASAMENTO TEÓRICO E METODOLÓGICO**

No anseio de conhecer melhor o fenômeno da criança maltratada, optamos pelo estudo qualitativo fundamen-

tando-nos na Sociologia Compreensiva. Esta tem como foco compreender a realidade humana vivida socialmente, diferente do mundo das ciências naturais. Dessa forma, justificamos a escolha por esta modalidade de estudo, pois não podemos quantificar os sentimentos e as percepções de uma criança, após esta ter sido agredida, violentada emocionalmente, ou abandonada aos cuidados de uma instituição, visto que a reação de uma, pode ser, e quase sempre é, diferente da reação de outra.

Este estudo foi desenvolvido em uma casa-abrigo, localizada em uma cidade do interior do Estado do Rio Grande do Sul que, por questões éticas, denominamos de "Refúgio". O abrigo a que nos referimos é uma Organização Não-Governamental (ONG) e caracteriza-se por oferecer um serviço de atenção integral a crianças e adolescentes abandonados ou que foram vítimas de maus-tratos praticados pela família, com idades compreendidas entre 0 e 14 anos. Fizeram parte da pesquisa sete crianças com idades compreendidas entre 8 e 11 anos, que já haviam sofrido qualquer tipo de violência ou maus-tratos por parte de um dos membros da família, conforme relatos da direção da instituição. Algumas das crianças já haviam passado por tentativas de adoção e tinham sido "devolvidas", geralmente pelo caráter pouco dócil na interação com a nova família. Considerou-se essa faixa etária, levando-se em conta a maior facilidade de expressão que apresenta e por ser uma idade pouco escolhida no caso de adoções, motivo considerado, por nós, também como mau-trato. Conforme a Resolução do Conselho Nacional de Saúde nº 196/96<sup>(9)</sup>, e seguindo os aspectos ético-legais da pesquisa que envolve seres humanos, explicitamos que, para garantir o anonimato dos sujeitos quanto aos dados confidenciais, as crianças foram rebatizadas com nomes de sentimentos, por percebermos o quanto estavam carentes destes tipos de emoções. Também foram respeitados os preceitos culturais, sociais, morais e religiosos dos sujeitos envolvidos. Dessa forma participaram da pesquisa Esperança – 11 anos, Saudade – 11 anos, Amor – 10 anos, Carinho – 10 anos, Amizade – 10 anos, Alegria – 8 anos e Compaixão – 10 anos.

A coleta de dados compreendeu três momentos: a observação não estruturada das crianças em situações diárias, as entrevistas semi-estruturadas, que foram gravadas e transcritas na íntegra para que pudessem, posteriormente, ser compreendidas à luz da literatura, com as seguintes questões norteadoras: "1.Quais as lembranças que a criança tem de quando morava com a família? 2.Como ela se sente ao pensar ou lembrar de sua mãe e de seu pai? 3. Como ela age junto aos colegas ou qualquer outra pessoa, quando quer algo? 4.Quais as expectativas que ela tem a respeito de seu futuro?" As entrevistas terminaram quando percebemos saturação dos relatos das crianças. Estas, após a entrevista eram encaminhadas a um terceiro momento, que era o da realização de desenhos, que foram interpretados por uma psicóloga, convidada para esse fim, considerando as explicações dadas pelas crianças no momento da sua atividade.

No momento da análise, realizamos leituras sistematizadas dos relatos transcritos e das observações anotadas no diário de campo, bem como da interpretação dos

desenhos, buscando convergências e divergências, delimitando os significados que os sujeitos deram para o fenômeno.

A análise foi realizada tentando descobrir, sob o ângulo da Sociologia Compreensiva, as percepções das crianças maltratadas pelos pais, suas vivências, seu cotidiano e também as formas de enfrentamento por elas utilizadas.

### AS CATEGORIAS...

Foi através do conhecimento das histórias de vida, das entrevistas, dos desenhos e também da observação destas crianças que percebemos que o viver afastado da família por ser vítima de violência e maus-tratos é cercado de lembranças ruins, tristeza e desânimo, porém a esperança e a alegria também fazem parte do seu cotidiano.

Após leituras sistematizadas das entrevistas identificamos e organizamos as "unidades de significado" em duas grandes categorias, sendo que uma delas possui quatro subcategorias, a saber: o cotidiano da criança vitimizada, que se subdivide em (I) a vida na instituição, (II) a violência sofrida e os sentimentos em relação aos pais/agressores, (III) as formas de enfrentamento, (IV) o silêncio significativo; alcoolismo X violência: via de mão dupla.

### O QUOTIDIANO DA CRIANÇA VITIMADA

Na realização deste estudo, compreendemos que a criança vitimada torna-se triste, pela constância com que ocorrem os maus-tratos, pelas lembranças de um passado recente e porque, além de uma agressão inicial, ainda deve sofrer pela separação advinda da institucionalização.

Contudo, apesar da pouca idade, os sujeitos desse estudo mostraram que não é possível viver o tempo todo no limite. É imprescindível o uso de subterfúgios como a transgressão, o uso de máscaras, o jogo duplo ou a cumplicidade para driblar a dor diária e repartir a carga, de tal modo que ela possa parecer muito mais leve e dessa forma ser suportada.

### A VIDA NA INSTITUIÇÃO

Os sujeitos desta pesquisa revelaram que os laços familiares são fortes, mas que a dor de ser vitimado muitas vezes torna-se maior, deixando os sentimentos relacionados aos seus familiares, muitas vezes, em segundo plano.

Sabemos que nem todas as instituições que abrigam crianças e adolescentes vítimas de abandono e maus-tratos têm as mesmas filosofias e tratam as crianças de forma semelhante. Muitas vezes, o atendimento se restringe a alimentar ou oferecer um lugar para dormir. Porém, "o abrigo pode ser um lugar privilegiado, com rotinas definidas, com cuidados essenciais garantidos - que vão além das necessidades básicas - onde a criança pode se sentir acolhida integralmente".<sup>(10:315)</sup>

Quando os sujeitos deste estudo foram questionados sobre sua preferência em viver no "Refúgio" ou juntamente com suas famílias, a resposta foi praticamente unânime em preferir viver na instituição. Cada um tenta convencer a si e aos outros dos benefícios que a instituição pode lhe oferecer, porque "*aqui eu tive bastante amigos,*"

(Saudade) ou porque "*aqui tem brinquedo e lá não tinha*" (Esperança) ou porque "*...aqui ninguém surra.*" (Carinho). Ou ainda por querer mascarar um sentimento negativo em relação à família.

Na realidade, o "Refúgio" oferece a essas crianças a possibilidade de uma infância menos violenta, com o carinho que muitas vezes não é encontrado no seio familiar. Todavia, acreditamos que por melhor que seja a instituição que abriga a criança, ainda assim ela não consegue substituir de forma satisfatória a função da família, carregada de todos os sentimentos que nela se embutem. Porém, para os entrevistados, voltar ao cotidiano familiar pode significar voltar a conviver com a violência, e isso fica claro, quando se diz que prefere ficar no "Refúgio", porque "*na casa a gente apanha*" (Carinho). Para superar a condição de vulnerabilidade evidente na radicalidade do intenso sofrimento físico e/ou psíquico, é necessário considerar, entre as várias possibilidades de encaminhamento, o "abrigo" como uma alternativa de salvaguardar a integridade física e psíquica da criança ou do adolescente.<sup>(10)</sup>

Se por um lado a vida na instituição tem o seu aspecto de separação ou rompimento com os laços familiares, e isso talvez pudesse trazer tristeza à criança, por outro, a institucionalização permite que a violência vivida diariamente seja interrompida. Além disso, a institucionalização da criança promove uma socialidade que talvez não seja encontrada no seio familiar. Socialidade aqui entendida como o "estar junto", "ao desejo de provar em comum emoções e sentimentos que se esgotam, que não procuram um além disso, que se dá a ver e a viver".<sup>(2:121)</sup>

A vida numa instituição que abriga crianças vítimas de violência nem sempre é vista como algo ruim. Em muitos casos ela substitui com louvor o ambiente doméstico. É nas coisas simples, corriqueiras e banais, vividas diariamente, que essas crianças encontram forças para suportar a carga de terem sido abandonadas, ou vivenciarem a violência de uma forma tão ordinária.

A alegria, o humor, a cortesia e o entusiasmo também estão presentes no dia-a-dia dessas crianças. É esse "*ser feliz em casa e aqui também*" (Alegria), o "*brincar, rir, fazer um monte de coisa, brincar de pega-pega, correr...*" (Alegria) enfim, o lúdico, o fazer amigos e participar com eles das boas e más experiências, traduzidos no "*ser feliz*", independentemente do lugar onde isso ocorra, é essa socialidade que permeia a vida cotidiana na instituição.

Porém todo o sofrimento não poderia ser simplesmente esquecido. As marcas da violência sofrida e os sentimentos que as crianças têm em relação aos agressores ficam evidenciados na subcategoria a seguir.

### A VIOLÊNCIA SOFRIDA E OS SENTIMENTOS EM RELAÇÃO AOS PAIS/AGRESSORES

No decorrer das visitas, percebemos o quão difícil é para essas crianças poder definir o tipo de sentimentos que nutrem pelos seus genitores ou pela pessoa encarregada de tutelá-las. Mais complicado ainda é poder falar sobre tais emoções. Na maioria das vezes, os sentimentos de amor e ódio estão relacionados às atitudes de agressão física ou negligência dos pais em relação aos filhos. É o

que se percebe nos seguintes depoimentos: "Eu não quero morar com ela (a mãe)... porque eu não gosto dela... porque não. Do pai eu gosto... Da mãe,... não sinto nada. Eu não me lembro, eu nunca lembro deles. Não sinto nada." (Amizade); "A pessoa que eu menos gosto? Fora daqui é a minha mãe. Não sei, ela botou a gente no mundo pra deixar na rua. Eu gosto mais do pai. Porque a mãe não cuida de nós. Quando o pai chega de meio dia a comida não tá pronta, ela fica tomando mate (chimarrão) nas vizinha... Os dois brigam... Se ela cuidasse eu não tava aqui." (Compaixão)

Percebemos que, na maioria dos casos, aquelas crianças estão sob os cuidados da instituição por terem sido vítimas de um dos pais, com a cumplicidade ou não do outro. Também reconhecemos que os sentimentos negativos são direcionados somente àquele que as agrediu, mantendo o outro inocente. Talvez esse seja um mecanismo de defesa, utilizado para poder acreditar que é amado e respeitado como filho, e poder assim desenvolver-se de uma forma um pouco mais segura.

Até os três anos de idade a ação do ambiente onde está inserida a criança é preponderante para o seu desenvolvimento, sendo os êxitos evolutivos, resultados das experiências vividas.<sup>(11)</sup> Sendo assim, acreditamos que além dos distúrbios de ordem psicológica que possam advir de uma infância repleta de cenas de violência, o processo de estruturação da personalidade da criança também possa ficar comprometido.

Faz-se necessário mostrar cada vez mais as diferenças entre educar e agredir fisicamente, utilizando todas as formas de comunicação e educação possíveis. É preciso firmeza e convicção na capacidade de mudança da humanidade, mesmo que seja de uma forma lenta, para que, num futuro próximo, possamos contar com um índice de violência diminuído.<sup>(12)</sup> Acreditamos que a educação seja a base para esta mudança, e esta tem suas raízes na família.

A relação de afeto entre pais e filhos pode influenciar de maneira significativa a forma como esta pessoa, hoje criança, tratará seus semelhantes, num futuro próximo, já como adulto. Isso demonstra a gravidade desta situação, pois não se restringe a uma criança, mas a um ciclo de gerações que poderão sofrer em decorrência da atitude de uma pessoa que provavelmente também teve para si este tipo de cuidado.

Sendo assim, após termos convivido com essas crianças durante todo esse período, percebemos que nem sempre a família é a melhor opção para elas. Em determinadas situações, a violência vivida é tão gritante que as conseqüências não se restringem às cicatrizes do corpo, mas também da alma. Talvez por isso "eu nunca lembro deles", "não sinto nada".

Essas crianças afirmam que preferem continuar morando no "Refúgio" a voltar para casa, com sua família biológica, porém demonstram, através das falas e dos desenhos, um desejo imenso de ter uma família substituta ou adotiva, pois sentem a necessidade de amar e serem amadas.

## AS FORMAS DE ENFRENTAMENTO

Como forma de resistência às provocações que lhes são impostas diariamente, pela saudade ou pela decepção, apesar da pouca idade, meninos e meninas enfrentam as ad-

versidades de maneira tal que consigam driblar seus sentimentos. "Não é por nada, é só pra fugir mesmo" (Amizade).

Estas crianças necessitam fugir, como forma de transgressão. Não há um motivo em especial. É a necessidade de infringir as regras, instaurando a união do grupo, a cumplicidade para burlar uma lei que lhes foi imposta. É o fugir pelo prazer da brincadeira, do lúdico. É o fugir para chamar a atenção. Fugir "com a Saudade e a Amizade, só pra brincar" (Esperança). Fugir para acompanhar os amigos.

Na instituição, além de não conviver mais com as cenas degradantes da violência diária, as crianças recebem o cuidado de pessoas que se preocupam com o seu bem-estar. Porém, o reduzido número de funcionários em relação ao número de crianças faz com que a atenção recebida continue sendo insuficiente. Dessa forma, na tentativa de receber a atenção tão almejada, elas utilizam-se das fugas como forma de transgressão, no intuito de, mesmo que indiretamente, poder pedir por limites, direcionando para si o olhar de seus cuidadores.

Na luta contra os percalços do dia-a-dia, na tentativa de esquecer a mazela de terem sido abandonadas, negligenciadas ou violentadas de alguma forma, essas crianças também se utilizam das máscaras, do jogo duplo, para conseguirem resistir. Apóiam-se nas alegrias compartilhadas para esquecer a dor individual. Partilham com os que estão ao lado, vivenciando os mesmos sofrimentos. Passam a valorizar os sentimentos, as emoções coletivas que, na verdade, ajudam no enfrentamento da vida diária. É a "solidariedade orgânica" que surge, contemplando o diferente de cada um numa emoção coletiva, daqueles que partilham as dificuldades diárias. (...) É essa duplicidade que permite o existir.<sup>(13)</sup>

O uso de máscaras, o jogo duplo, a transgressão e a solidariedade orgânica são maneiras individuais de manter seu equilíbrio "...são válvulas de escape que, conscientemente ou inconscientemente, cada um aciona, para fugir às imposições sofridas".<sup>(14:8)</sup>

Apesar de terem sido vítimas de alguma forma de violência ou maus-tratos, e continuarem a sofrer pela sua condição de abandono ou pelo afastamento da família, observamos que estas crianças têm seus momentos de tristeza, e, como talvez não suportassem a carga de viver o tempo todo no limite, conseguem burlar tais sentimentos. Buscam, através das brincadeiras, da dança, das alegrias presentes nas pequenas coisas, viver a sua infância da melhor maneira possível.

Não que não pensem em sua condição, mas o essencial é que possam compartilhar as adversidades que lhes são comuns, e principalmente que possam interagir com aqueles que dividem a mesma sorte, fortificando os sentimentos oriundos de tal convívio. É esse compartilhar que faz com que essas crianças continuem com a vontade de viver, que lhes permite o brincar, o rir e principalmente o sonhar.

## O SILÊNCIO SIGNIFICANTE

Uma das dificuldades que sentimos durante a coleta de dados foi o silêncio das crianças, quando lhes perguntávamos algo a respeito do que viveram junto aos familiares. Conversavam normalmente até que fossem indagadas sobre a violência sofrida. Aquele silêncio não

era apenas a falta das palavras, mas era um silêncio significativo. Não é pelo fato de "*não confiar... (...) porque eu confio, mas é que eu não quero contar*" (Saudade). "Se a linguagem implica silêncio, este, por sua vez, é o não-dito visto do interior da linguagem. Não é o nada, não é o vazio sem história. É silêncio significante. (...) Ele tem significância própria".<sup>(15:23)</sup>

É inútil querer compreender o silêncio dessas crianças sem antes conhecer as suas histórias. E talvez este período que passamos juntos também tenha sido muito pequeno, para podermos afirmar, com certeza, o que o silêncio de cada uma, em cada momento, representou sem que corramos o risco de errar. "O delírio de interpretação não tem limites, e por isso é tão invencível quanto insatisfeito".<sup>(16:184)</sup> Poderíamos dar muitos motivos para o silêncio dessas crianças, e jamais teríamos a certeza do real significado que ele tem. Nem sempre o que é dito, é o que se quer dizer, e também o não-dito tem sua significância própria. Por isso, sempre que tentarmos decifrar o significado do silêncio, podemos estar deturpando a sua finalidade, contudo é necessário dar-lhe sentido para que possamos suportá-lo. O silêncio não fala, ele significa. É inútil traduzi-lo em palavras, mas é possível compreender o seu sentido. Ele não é transparente, e é tão incerto quanto as palavras, pois se produz em condições próprias que constituem seu modo de significar.<sup>(15)</sup>

É necessário conquistar a confiança para poder ser confiante, para que uma criança abra seu coração e consiga falar sobre o que já vivenciou, e confiança não se conquista de um minuto para o outro. Em especial, é necessário conquistar a confiança de uma criança que várias vezes já teve motivos para não confiar, pois as conseqüências podem ser dolorosas.

### **ALCOOLISMO X VIOLÊNCIA: VIA DE MÃO DUPLA**

A agressividade e a violência são constantes nas famílias das crianças que participaram deste estudo. Algumas vezes deflagrada contra a mulher, em outras e na maioria delas contra a criança, muitas vezes, pelo simples fato de o pai ou a mãe estar alcoolizado. Percebe-se que a perpetuação da violência já começa a se manifestar através das atitudes das crianças com os colegas. Também está presente nos relatos a aceitação da punição física como método disciplinador, transmitindo-se de geração a geração a idéia da violência física, como forma de educação.

A violência vivida dentro da família é conseqüência de vários fatores e muitas vezes ocorre em função do consumo das drogas, e freqüentemente em função do alcoolismo, pois "*o pai bebia e surrava a mãe*" (Alegria). Para muitas crianças, é um quadro que vem se repetindo assiduamente. Já faz parte do seu cotidiano. Acaba se tornando banal, comum pela freqüência com que acontece. O alcoolismo é uma doença que pode ser considerada uma das maiores desgraças da humanidade, atingindo não só quem consome a bebida, mas também as pessoas que com ele convivem.<sup>(17)</sup>

Sendo o alcoolismo visto como uma doença, como tal deve ser tratado, pois exerce também uma função devastadora no ambiente familiar, pois é responsável por brigas, desavenças familiares e diversas situações de maus

tratados. Porém não é só o alcoolista que deve ser o foco da atenção dos profissionais. É de suma importância que as pessoas que convivem com ele, em particular as crianças e adolescentes que estão em pleno processo de formação e estruturação, sejam alvo de atenção. A desconsideração com a saúde das famílias dos alcoolistas tem contribuído para aumentar o número de pessoas que no futuro poderão tornar-se igualmente clientes desse modelo de assistência.<sup>(17)</sup>

A grande preocupação ao desenvolver este estudo foi o medo de que, aprendendo a conviver com a violência, estas crianças acreditem realmente que esta é a maneira correta e aceita pela sociedade de ensiná-las e de corrigi-las. Também pelo receio de que tenham a convicção de que "*se a criança não fez nada... é uma violência, porque quando a criança não faz nada e bate... é violência*", mas que "*se a criança fez alguma coisa de errado daí não é violência*". (Alegria) E de que "*eles só me batiam quando precisava...*" (Compaixão). É imperativo que a criança cresça com sua auto-estima elevada, sabendo que em momento algum precisa ser violentada para poder ser corrigida ou educada. É essencial que saiba também que para conseguir alguma coisa não é necessário utilizar a violência ou a agressividade.

Presenciando e contracenando com cenas de violência diariamente, algumas dessas crianças já começam a revelar esse tipo de comportamento quando, ao defrontarem-se com uma dificuldade, referem ter "*vontade de surrar*" (Carinho). É a manifestação da violência vista como uma "via de mão dupla", vivenciada como filho e praticada de forma natural, hoje como colega, amanhã como pai ou como cidadão, não simplesmente porque "*ele é assim, tu já viu a cara dele quando ele fica assim? Ele surra, dá soco, surra todos os piazinhos*" (Compaixão), mas porque ele aprendeu a ser assim, pois foi esse o modelo que conheceu.

A falta de atenção a estas crianças, bem como às famílias, de uma maneira realmente comprometida, favorece um quadro de recolhimento e negação de tais vivências, impedindo-as da exteriorização e elaboração dos seus sentimentos, facilitando o desenvolvimento de relações violentas, que já começam a ser observadas ainda na infância e que, sem dúvida, tendem ao agravamento.

Dessa forma, o papel da enfermagem bem como de todos que trabalham com crianças vítimas de violência e maus-tratos é o de não apenas ficar penalizados, mas o de promover situações de prevenção e tratamento de possíveis distúrbios de ordem psicológica, num modelo de trabalho interdisciplinar. Os pais que necessitam de normas e leis que a sociedade cria para impedi-los de vitimar seus filhos, precisam também, de orientação, apoio e até tratamento psicológico para questionar e reformular sua atitude ante a infância e a educação, sua e de seus filhos.<sup>(12)</sup>

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A convicção de que a vida desses sujeitos restringia-se às lembranças de um passado mórbido, e que o futuro não lhes reservava algo muito diferente foi aos poucos dando lugar ao entendimento de que a vida daquelas crianças não se limitava às recordações ruins. Ela é recheada de riquezas que nem sempre temos a capacidade de perceber. Na realidade, estudá-la em seu cotidiano per-

mitiu-nos a compreensão da importância dos "pequenos nadas" na vida de cada um.

Um dos aspectos que consideramos limitante deste estudo foi a comunicação insuficiente das crianças. Na faixa etária em que se encontram é natural que o diálogo não seja tão fluente. Porém, ao refletirmos sobre essa situação, percebemos que não se tratava apenas de um silêncio por falta de assunto ou palavras, mas vinha sobrecarregado de significados. Percebemos também, que ao serem retiradas das famílias, as crianças passam a receber os cuidados de profissionais competentes, entretanto, na maior parte do tempo, são cuidadas por pessoas com o mínimo grau de instrução, que nem sempre estão preparadas para dirimir os problemas emergentes da convivência diária com crianças que trazem em sua bagagem uma carga extra de experiências negativas. Pensamos que este é um ponto que deva ser repensado não só pela direção do "Refúgio", mas por todas as instituições que lidam com este tipo de situação.

Presenciamos o dia-a-dia da criança institucionalizada por negligência e maus-tratos. Percebemos que ela se torna triste devido às lembranças, e também pela separação imposta pela institucionalização. Porém faz uso de subterfúgios para poder enfrentar de um modo menos doloroso as adversidades diárias. Utiliza a transgressão, as máscaras, a duplicidade, de forma a driblar seus sentimentos, para que assim possa enfrentá-los. Ela vê a instituição como um espaço familiar, acolhedor. Um local onde é possível ter uma infância menos violenta, capaz de lhe oferecer algo além de proteção e comida.

Este estudo mostrou-nos também que a criança vê a possibilidade de voltar a conviver com a família, atrelada à idéia de conviver também com as agressões. E isso é algo que podemos entender, quando não se defere tratamento algum ao agressor. Torna-se, portanto, imprescindível discutir e trabalhar de maneira interdisciplinar as formas de tratamento dispensado à criança e também à família, pois quem agride está doente e precisa ser tratado, e quem sofreu a agressão necessita de tratamento para que não adoça e assim venha a praticar os mesmos desatinos num futuro próximo.

Ficou claro também que, quando a criança manifesta atitudes violentas contra os colegas ou contra quem quer que seja, está, em algumas vezes, reproduzindo situações vivenciadas na família e, em outras, extravasando sentimentos de inferioridade, insegurança, rejeição e revolta por compreender que a vida foi injusta com ela ou porque não teve as mesmas oportunidades que os outros tiveram. Além disso, a criança que convive com punições corporais para qualquer tipo de infração começa a entender o castigo físico como método disciplinador, aceitando-o e transmitindo-o agora para os colegas, e futuramente para seus filhos, como forma de educação.

Diante de todos esses dados, torna-se imprescindível que os profissionais que de alguma forma se envolvem nas situações de maus-tratos à criança, como é o caso dos conselheiros tutelares, do poder judiciário e em especial os da área da saúde, como enfermeiros, médicos e psicólogos, trabalhem de forma interdisciplinar, para que o profissional de uma área possa colaborar com o de outra área

para enriquecer o conhecimento de ambos, efetuando trocas, ampliando seus horizontes e revendo as condutas que vêm sendo utilizadas neste tipo de situação, em relação ao tratamento deferido à criança, bem como à sua família.

Para isso, faz-se necessário enxergar o fenômeno com o olhar da criança, pois entendendo a sua percepção em relação à violência sofrida, compreenderemos mais facilmente as suas reações e atitudes diárias, para então, a partir daí, poder assisti-la de maneira mais adequada.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. Bordin TA. O Cuidado do ser em desenvolvimento: o desafio de promover famílias saudáveis na sala de vacinas. Erechim: EdiFAPES; 2001.
2. Penna CMM. Ser saudável no cotidiano da Favela. Pelotas, RS: UFPel; 1997.
3. Biaggio AMB. Psicologia do desenvolvimento. 14a. ed. Petrópolis: Vozes; 2000.
4. Sousa SMG. Trabalho infantil: a negação da infância? Estudo do significado do trabalho para crianças das camadas populares [dissertação]. São Paulo: PUC; 1994.
5. Guerra VNA. Violência de pais contra filhos: a tragédia revisitada. 3.ed. São Paulo: Cortez; 1998.
6. Ribeiro IM. Interação: a enfermagem assistindo à família da criança maltratada [dissertação]. Florianópolis (SC): Escola de Enfermagem/UFSC; 1990.
7. Almeida HD. Violência urbana: adolescente em emergência pública. In: Ramos FRS, Organizador. Um encontro da enfermagem com o adolescente brasileiro. Associação Brasileira de Enfermagem - Projeto Acólher. Brasília: ABEn/Governo Federal; 2000.
8. Brasil. Lei nº8069 de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o estatuto da criança e do adolescente e dá outras providências. In: Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. Estatuto da criança e do adolescente. São Paulo; 1990.
9. Brasil. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. Resolução nº 196/96 de 10 de outubro de 1996. Dispõe sobre as diretrizes e normas regulamentares de pesquisa envolvendo seres humanos. Brasília: Conselho Nacional de Saúde; 1996.
10. Fromer L. O Abrigo: uma interface no atendimento à criança e ao adolescente vítimas de violência intrafamiliar. In: Ferrari DCA, Vecina TCC, organizadores. O Fim do silêncio na violência familiar: teoria e prática. São Paulo: Agora; 2002.
11. Schimitz EM. A Enfermagem em pediatria e puericultura. São Paulo: Atheneu; 1995.
12. Mattos GO. A questão do disciplinamento corporal. In: Ferrari DCA, Vecina TCC, organizadores. O Fim do silêncio na violência familiar: teoria e prática. São Paulo: Agora; 2002.
13. Maffesoli M. A Conquista do presente. 2a. ed. Rio de Janeiro: Rocco; 1984.
14. Nascimento ES. Noções que animam o cotidiano. In: Curso Quotidiano e Saúde: uma abordagem sócio-compreensiva. Porto Alegre: NEPETE – FURG; nov.1997.
15. Orlandi EP. As Formas do silêncio: no movimento dos sentidos. 4a.ed. Campinas: UNICAMP; 1997.
16. Comte-Sponville A. Viver. São Paulo: Martins Fontes; 2000.
17. Silva MRS. Convivendo com o alcoolismo na família. In: Elsen I, Marcon SS, Santos MR, organizadores. O Viver em família e sua interface com a saúde e a doença. Maringá: Eduem; 2002.